

CIÊNCIAS HUMANAS

Filosofia

Autoras:
Ethel Menezes Rocha
Terezinha de J. B. da Silva
Rita Josélia da Capela

Janeiro de 2005

APRESENTAÇÃO

Este texto tem como objetivo contribuir para o êxito da prática do professor de Filosofia em seu cotidiano de ensino médio nas escolas estaduais da rede pública. Tendo em vista que a Filosofia, de um modo geral, é absolutamente plural e diversa, a tônica do texto não é a de estabelecer conteúdos para a disciplina Filosofia, mas sim expor o que seria comum a qualquer que seja a linha ou método filosófico. Acreditamos que, com isso em mente, chegaremos a um denominador comum que, se por um lado, não determina de antemão o que cada professor deve ler e discutir com seus alunos, por outro lado deixa clara a especificidade do domínio da Filosofia. A partir da discussão da especificidade da Filosofia com relação às outras disciplinas, detivemos-nos, sobretudo, na discussão do que consistiria um ensino de Filosofia de qualidade no ensino médio nas escolas da rede pública estadual do Rio de Janeiro no momento atual.

Antes mesmo de iniciar a discussão da especificidade da Filosofia, gostaríamos de apontar para uma dificuldade: a Filosofia está sendo reimplantada no ensino médio da rede pública estadual, do qual esteve ausente por muito tempo e, por essa razão, não consiste numa disciplina já consolidada para esse estágio do ensino. Cabe ao profissional de Filosofia enfrentar, portanto, o desafio de estruturar e consolidar uma nova tradição. Esta tarefa envolve, por um lado, ter em mente que é necessário evitar-se o procedimento extremo de, em nome da fidelidade à densidade da investigação filosófica, não levar em conta os interesses específicos do aluno de uma determinada faixa etária e de um determinado grupo social; e envolve, por outro lado, ter em mente que é necessário evitar o extremo oposto, o de em nome da imediata acessibilidade dos conteúdos, oferecer produtos superficiais que descaracterizam a Filosofia.

Para enfrentarmos a tarefa de pensar o que é a especificidade da Filosofia e, em particular, pensar no que consiste o ensino da Filosofia no ensino médio, gostaríamos de começar problematizando o que muito freqüentemente se escuta acerca do que seria a tarefa da Filosofia: “despertar o espírito crítico” do aluno, ou “formar eticamente” os jovens ou, ainda, “refletir acerca de todas as áreas do saber humano”. Nenhuma dessas afirmações nos parece, entretanto, adequada. Pensamos mesmo poder dizer o contrário: 1) que “despertar o espírito crítico” é tarefa de toda formação educacional não sendo, portanto, tarefa exclusiva da Filosofia; 2) que sendo a Ética um dentre os diversos e variados temas tratados pela Filosofia, não pode ser o único que a caracteriza. O estudo de questões da ética e da política é um estudo que pode ser feito filosoficamente (e, de fato, alguns filósofos se voltam para esse estudo), mas isso é apenas um dos diversos modos de se fazer Filosofia, e não é a mesma coisa que transmitir valores éticos. Mesmo quando a Filosofia se debruça sobre questões da ética e da política, ela não se confunde com o que seria a indicação do que é ética ou politicamente correto. Assim, embora o pensamento autônomo, que é a tarefa da Filosofia, bem como de toda disciplina, seja um pressuposto para o exercício da cidadania, ao contrário do que pode parecer para alguns, filosofia não é sinônimo de ética; e, finalmente, 3) que, de modo similar, a Filosofia da Ciência é um dentre os diversos e diferentes modos de se fazer Filosofia e que, portanto, pensar as áreas dos saberes humanos não é o que caracteriza a Filosofia. Mais que isso, parece razoável supor que toda ciência (ou saber) pode pensar acerca de si mesma e que a Filosofia quando se volta para as ciências (ou os saberes) serve como auxiliar nesta reflexão. Nenhuma dessas caracterizações do que seria a Filosofia parece, portanto, dar conta da especificidade e da pluralidade do pensamento filosófico.

Se o que pretendemos é apresentar o que seria comum a qualquer linha ou método filosófico, então parece plausível caracterizar a Filosofia como a atividade de pensar segundo um certo quadro categorial que é constituído, ao longo de sua história, nos textos clássicos. E, com base nisso, poderemos então sustentar que o ensino da Filosofia no ensino médio da rede pública estadual do Rio de Janeiro tem como tarefa principal apresentar ao aluno a este campo conceitual específico da Filosofia. Ao mesmo tempo, ele deve habilitar os alunos à análise de texto ou discurso, levando em conta sua complexidade e profundidade, e visando, sobretudo, a elucidação do pensamento ali expresso.

Se admitirmos que a Filosofia consiste na atividade de pensar segundo um determinado quadro categorial, que é dado apenas nos textos filosóficos, então temos de admitir que, diferentemente das outras disciplinas, a Filosofia não se caracteriza por seu conteúdo. Nesse sentido, diferentemente da maioria das disciplinas, a Filosofia não constitui uma ciência ou um saber. Na medida em que não é uma ciência ou um saber, não há progresso do saber filosófico de tal forma que se possa afirmar que um sistema filosófico supere outro. Mais ainda, se não há progresso na História da Filosofia, então, tampouco há uma Filosofia mais atual, isto é, o que seria uma “filosofia de ponta”.

A peculiaridade da Filosofia reside no fato de incitar o exercício do pensamento e que este pensamento se dê segundo um certo campo conceitual. E é no texto filosófico, seja de que linha, método ou época for, que a tradição conceitual filosófica aparece. E os textos filosóficos são os textos clássicos de Filosofia que estão inseridos na História da Filosofia. Entretanto se, como vimos, a Filosofia não é uma ciência, então, a História da Filosofia não consiste em uma história progressiva das idéias. Mas se não há uma história do pensamento humano no sentido de um progresso das idéias, então a leitura de textos filosóficos clássicos não tem como objetivo nem informar o que nossos antepassados pensavam do mundo como se tal pensamento fosse obsoleto, nem expor o que seriam resultados recentes do pensamento humano. Em resumo, parece que podemos dizer que a Filosofia se caracteriza, de um modo geral, por ser a atividade de um tipo de pensamento que se evidencia pelo quadro conceitual constituído em sua história.

A Filosofia se define, portanto, por ser uma atividade que constitui uma “porta de entrada” para o exercício de um certo tipo de pensamento. Sua finalidade está nela mesma, isto é, no filosofar (no pensar). A prática da elucidação filosófica de questões e temas segundo um certo quadro conceitual introduz, espontaneamente, aquele que a pratica à estranheza, ao espanto, ao questionamento de sua realidade, a partir deste determinado quadro, que é desenvolvido na história da filosofia. É nesse modo específico de estranhar, de se espantar e de questionar que consiste a própria atividade filosófica.

Embora não se possa exigir do pensamento filosófico, já que a filosofia não constitui uma ciência, que ele apresente resultados, é precipitado e historicamente equivocado afirmar que a Filosofia não tem conseqüências para a vida humana. A Filosofia se reserva o privilégio de fazer as perguntas mais radicais e mais fundamentais.

PROPOSTAS

O Ensino de Filosofia

Sendo a característica fundamental da Filosofia o de ser uma atividade de um certo modo de pensar, em oposição a um conteúdo determinado, o ensino da filosofia se caracteriza por ser “o abrir a porta” para o espanto, a estranheza e o questionamento a partir de um conjunto de conceitos específicos. Não havendo pré-requisitos e nem resultados a serem alcançados, o ensino da Filosofia pode ser feito a partir de textos filosóficos de qualquer época, de qualquer linha e pode adotar qualquer método filosófico. Cabe ao professor de Filosofia, portanto, escolher, dentre os diferentes métodos e abordagens filosóficas, aquele que vai levar o aluno ao exercício do pensamento filosófico.

Há infinitas e diferentes portas (autores, linhas ou métodos de se fazer Filosofia) para o exercício do pensamento. Certamente toda essa diversidade não pode ser contemplada no ano em que o aluno é apresentado à Filosofia. Não só não pode, como nem seria o caso de ser tentado. Se não há a busca por erudição e nem o objetivo de expor o que seria o progresso das idéias da humanidade, não há porquê se mostrar ao aluno a uma infinidade de sistemas filosóficos ao longo do ano letivo. Por outro lado, o texto filosófico é caracteristicamente complexo e desde a primeira leitura esta qualidade deve ser ressaltada. Trata-se, portanto, muito mais de se fazer uma leitura detalhada e cuidadosa de alguns textos (poucos que sejam) ao longo do ano letivo, do que de expor os alunos a inúmeros pensamentos de modo superficial e rápido. Só a leitura paciente, detalhada e cuidadosa chamará a atenção para a complexidade do pensamento filosófico e dará, ao mesmo tempo, chance ao aluno de se familiarizar com os conceitos filosóficos. Assim, mais do que em qualquer outra disciplina, o papel do professor de Filosofia é muito mais o de mediador entre texto e aluno do que o de expositor de um saber.

Embora o texto filosófico seja o texto no qual mais facilmente se percebe o exercício do pensamento em toda sua complexidade, isto é, embora o texto filosófico seja aquele onde mais explicitamente aparece o objetivo de expor um pensamento e as razões que o justificariam, é possível dar um tratamento filosófico a outros tipos de texto. Se o denominador comum para qualquer que seja o método ou tipo de Filosofia, é o fato de colocar problemas de modo detalhado, expondo os pressupostos, as razões que justificam e as conseqüências das diferentes tomadas de posição diante de uma questão, ainda assim, é possível dar um tratamento filosófico a outro tipo de texto (letra de música, artigo de jornal, filme). Isso é possível desde que o aluno já tenha trabalhado alguns textos filosóficos e que possa, portanto, a partir da compreensão de certos conceitos filosóficos, reconhecer em um texto não estritamente filosófico o que ali há de filosófico. Em outras palavras, é possível se usar outro material que não o texto filosófico, mas sempre tendo como referência a especificidade do quadro conceitual da Filosofia que é dado, entretanto, nos textos clássicos da área. Se, por um lado, o que o ensino da Filosofia faz é provocar no estudante um certo modo de pensar (em oposição a oferecer-lhe um certo conteúdo de pensamento), tornando-o capaz de perceber a complexidade das questões tratadas, então é possível dar um tratamento filosófico a qualquer tipo de texto, fundamentalmente procurando nele as afirmações principais, o que estas supõem como verdadeiro, o que as justifica, e quais seriam as conseqüências se tais afirmações fossem verdadeiras. E se por outro lado a Filosofia não se reduz a isso, já que supõe que esse certo modo de pensar seja referido a um campo conceitual, então é preciso também apresentar o aluno a alguns conceitos filosóficos, o que só pode ser feito através da leitura dos clássicos.

A tarefa do professor de Filosofia (seja em que grau for, mas sobretudo no ensino médio) é o de “ensinar a pensar segundo um certo campo conceitual”. Como só se “aprende a pensar” pensando, a tarefa do professor de Filosofia é a de orientar o aluno no sentido deste poder tornar seu pensamento mais claro e, por isso mesmo, mais complexo e profundo, e auxiliá-lo a se servir de conceitos filosóficos com esse fim. E como a diversidade e complexidade do pensamento filosófico se manifesta nos textos clássicos de filosofia, “ensinar a pensar segundo um quadro categorial” se faz, sobretudo, fazendo-se história filosófica da Filosofia. Essa história filosófica da Filosofia, entretanto, não se reduz nem a uma mera reprodução de teses filosóficas, pois trata-se de uma análise detalhada dos textos filosóficos, e nem a uma apresentação de diferentes pensamentos filosóficos segundo uma ordem temporal.

O professor de Filosofia exerce o papel fundamental de mediador entre o aluno e os textos, de tal forma que permita ao aprendiz conhecer o campo conceitual filosófico e permita, além disso, que ele perceba toda a complexidade do pensamento, possibilitando, assim, que ele seja cada vez mais senhor de seus próprios pensamentos. Ao professor de Filosofia cabe incitar o estudante a pensar filosoficamente, isto é, a estruturar seu pensamento e a ter um quadro referencial específico, e isso se dá, essencialmente, através da leitura, da construção e da reconstrução de argumentos. Esta tarefa consiste, basicamente, em orientar a leitura e debates no sentido de detectar no texto (ou no discurso) as idéias principais, distingui-las das secundárias, procurar as razões oferecidas no texto, explicitar o que é pressuposto como verdadeiro, e extrair as conseqüências do que é dito. Mais ainda, se no ensino médio a prioridade é uma formação geral, então a Filosofia parece ter um papel fundamental nesta etapa do ensino, na medida que pode contribuir para uma maior inteligibilidade e integração dos conteúdos aprendidos nas outras disciplinas e da realidade que cerca o aluno.

Objetivos do Ensino da Filosofia

Compreensão Filosófica de Textos (pensamentos)

A compreensão do texto filosófico supõe que o leitor seja capaz de reconstruir a argumentação apresentada (implícita ou explicitamente) no texto e destacar as conseqüências das teses defendidas, caso elas sejam aceitas. Não basta, portanto, repetir as teses centrais, mas, ao contrário, é necessário poder explicar porque o autor diz o que diz. Por exemplo, não basta saber que Descartes foi o filósofo que afirmou “Penso, logo existo”, mas poder reconstruir a argumentação cartesiana que o levou a essa afirmação. Além disso, o aluno deve ser capaz de extrair o que é necessário pressupor como verdadeiro, para que se possa afirmar a verdade das idéias que um texto apresenta. Por exemplo, compreender que a afirmação “Penso, logo existo” pressupõe a verdade de um princípio geral, a saber, “Tudo que pensa existe”, ou coisa semelhante. Mais ainda, a compreensão do texto implica a compreensão das conseqüências das teses principais defendidas nos textos. Isto é, o aluno deve ser capaz também de relacionar o problema tratado no texto com o contexto cotidiano e entender quais as conseqüências para seu mundo se as teses defendidas forem aceitas.

Escrever

O aluno deverá, ao final de um ano, ser capaz de escrever um texto, dando a ele um tratamento filosófico. Em harmonia com o primeiro item, além de poder estabelecer no texto lido o que é fundamental, o que é secundário, quais as razões que sustentam as afirmações defendidas no texto e quais os pressupostos e conseqüências dessas, o aluno deverá tornar-se capaz de estruturar da mesma forma seu pensamento e expô-lo por escrito. Isto é, o aluno deverá ser capaz de construir uma argumentação de tal forma que fique claro qual é a sua tese principal, quais são as secundárias (se as houver), quais as razões que justificam sua tese, quais os pressupostos necessários para admitir as razões dadas como justificativas.

Debater

O aluno deverá ser capaz de expor oralmente seus pensamentos fundamentando-os e, mais ainda, ser capaz de ouvir o pensamento do outro, percebendo qual é a fundamentação deste. Isto é, deverá ser capaz de perceber qual ou quais seriam os bons argumentos para convencer seu opositor da verdade de suas afirmações e ser capaz de reconstruir a argumentação do opositor.

Pesquisar

O aluno deverá tornar-se capaz de buscar subsídios para fundamentar suas opiniões, seja em livros, em jornais, em filmes etc. Para isto, deverá ser capaz de perceber nos outros as razões que servem para fundamentar o que querem dizer.

Sugestão de Temas e Textos a Serem Tratados durante o Ano Letivo

Assumindo que a disciplina Filosofia não envolve pré-requisitos e nem conteúdos pré-determinados, não caberia propor uma seriação seguindo o modelo das outras disciplinas, é adequado apresentar apenas sugestões para o ano letivo. Na verdade, é ao professor de Filosofia que cabe a escolha de temas e textos a serem trabalhados. E o trabalho do professor com os alunos é, fundamentalmente, o de leitura e discussão, em sala, dos textos escolhidos.

O que é Filosofia

Dada a diversidade de linhas e métodos filosóficos, seria interessante que a disciplina fosse iniciada com essa questão. E visto que a Filosofia é uma disciplina que pensa a si mesma, é possível tratar desse tema através da leitura de um ou dois pequenos textos dos clássicos a esse respeito. O objetivo não é apresentar toda a diversidade, nem mesmo uma parte significativa desta, mas sim o de mostrar que não há um único modo de fazer Filosofia. Nesse item, pode-se ainda tratar das distinções entre Filosofia e Religião, Filosofia e mito, Filosofia e ideologia, Filosofia e ciência etc. Alguns textos que tratam explicitamente deste tema são:

HEIDEGGER, M. *O que é isto, a filosofia?* Col. Os Pensadores – volume: Heidegger e Pré-socráticos.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na época trágica dos gregos.* Col. Os Pensadores – volume: Nietzsche.

PLATÃO. *Defesa de Sócrates.* Col. Os Pensadores – volume: Sócrates.

DELEUZE, J.;GUATTARI, F. *O que é filosofia?* S.P. Editora 34.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere,* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

O que é Linguagem, o que é Lógica

Princípios básicos da argumentação, lógica no sentido amplo. Seria interessante orientar os alunos na construção de argumentos, por exemplo, pedindo a eles que montem um argumento contra e um a favor de uma mesma tese.

O que é Educação

Discutir os princípios da educação pública. O que é esperado do ensino fundamental e se o esperado foi alcançado pelos alunos. O que se espera para o final do ensino médio, se os alunos vêm perspectiva de que se cumpra o esperado. Exame de alguns textos das leis. Análise dos pressupostos, das razões que justificam as leis e do que são as suas conseqüências.

Se a tarefa do professor de Filosofia é a de “ensinar a pensar”, seria interessante aqui se introduzir aqui a discussão de se é possível ensinar-se a pensar. Mostrar que a leitura, a compreensão e a discussão de textos talvez constituam uma boa maneira de se aprender a pensar, já pensando. Alguns textos que tratam do tema educação:

PLATÃO. *A República*. Col. Os Pensadores – volume: Platão.

NIETZSCHE, F. *Considerações extemporâneas II e III*. Col. Os Pensadores – volume: Nietzsche.

ROUSSEAU, J.-J. *Emílio*. Martins Fontes.

O que é Conhecimento

Examinar a relação entre conhecimento e verdade. Um bom início de discussão pode ser o exame da tese platônica (aceita por grande parte da tradição filosófica) de que o conhecimento é uma opinião verdadeira justificada. Seria interessante apresentar ao aluno diferentes noções de verdade defendidas por diferentes linhas filosóficas. Verdade como correspondência; verdade como coerência; verdade como consenso; verdade como conveniência. Relacionar com as diversas ciências que estão sendo estudadas por eles. Qual a definição de verdade que é necessariamente pressuposta na Biologia, na Matemática, na Física, na História e, conseqüentemente, o que conta como justificativa em cada uma dessas ciências. Se a mesma noção é necessária para todas essas ciências e também para a vida cotidiana. Sobre essa discussão:

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. Col. Os Pensadores – volume: Hume.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Col. Os Pensadores – volume: Aristóteles.

BACHELARD, G. Col. Os Pensadores – volume: Bachelard.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Col. Os Pensadores – volume: Nietzsche.

Exemplo de autores que assumem as diferentes concepções de verdade: Verdade como correspondência: Descartes. Verdade como coerência: Espinosa. Verdade como consenso: Habermas. Verdade como conveniência: John Stuart Mill. Todos esses autores têm textos traduzidos na Coleção os Pensadores da Editora Abril Cultural.

O que é Liberdade

Nesse item, um ponto interessante a ser discutido é a distinção entre a liberdade de escolha entre dois opostos e a liberdade da autonomia, isto é, da ação sem coação. Autores:

DESCARTES, R. Quarta Meditação em *Meditações Metafísicas*. Col. Os Pensadores – volume: Descartes.

FOUCAULT, M. *O que é o esclarecimento?* Col. Os Pensadores – volume: Foucault.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001.

Um outro ponto interessante de discussão é a questão de se ética e política são coerentes ou contraditórias. Ainda outros temas: o que é uma sociedade justa?; justiça e pluralismo de concepções de bem; estado, cidadania e liberdade; república e democracia; o que é o poder?; sociedade de espetáculo, sociedade de consumo, sociedade técnico-científica.

Textos:

PLATÃO. *A República*. Col. Os Pensadores – volume: Platão.

ROUSSEAU, J-J. *Do contrato social*, Col. Os Pensadores – volume: Rousseau.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

HUME, D. *Ensaio morais, políticos e literários*. Col. Os Pensadores – volume: Hume.

BENJAMIM, W. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*, Col. Os Pensadores – volume: Walter Benjamin.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*. São Paulo: Cia. das Letras.

ARENDT, H. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

Estética – Arte, Beleza e Cultura

O gosto e a sensibilidade. Pode-se aqui abordar a questão de se dever ou não cultivar ou cultuar a cultura. Ainda um ponto interessante nesse tema seria a distinção ou não entre cultura popular, cultura de massa e cultura erudita. Avaliar em que elas são excludentes.

BENJAMIM, W. *O surrealismo*, Col. Os Pensadores – volume: Walter Benjamin.

SCHILLER. *Cartas para a educação estética do homem*. Poesia ingênua e sentimental, Col. Os pensadores – volume: Schiller.

De um modo geral a coleção *Os Pensadores* da Abril Cultural, São Paulo, tem ótimas traduções dos autores clássicos. É possível recortar-se pequenos trechos dos textos e através destes apresentar aos alunos os temas a serem trabalhados.

Sugestões de filmes

Sobre o Tema: O que é Filosofia:

O filósofo, três mulheres e o amor – Alemanha, 1988. Rudolf Thomé (trata da visão de um filósofo acerca da paixão dos gregos pela filosofia e sua visão do amor a partir de sua relação com três mulheres).

O nome da rosa – Itália, 1986. Jean-Jacques Annaud (baseado no romance *O nome da rosa* de Umberto Eco que apresenta, em meio a uma trama religiosa e política, uma investigação assassinos que ocorrem na Idade Média em um mosteiro).

Sobre o Tema: Liberdade e Poder

A maçã – Irã, 1998. Samira Makhmalbaf (trata da condição feminina no Irã e, especialmente, a condição de filhas em uma família).

Assassinato em primeiro grau – 1995. Marc Rocco (trata da luta pela liberdade em uma penitenciária).

Sobre o Tema: Ética e Política

O quarto poder – EUA, Costa Gravas, 1997 (trata do poder da mídia e de liberdade em épocas de indústria cultural, tal como vivemos nos dias de hoje).

O informante – EUA, Michael Mann, 1999 (trata da ética na ciência – apropriação de descobertas científicas pelas indústrias que dominam o mercado do tabaco).

Tiros em Columbine – EUA, Michael Moore (crítica à sociedade americana enquanto modelo de consumismo e individualismo que geram violência)

Sobre o Tema: Teoria do Conhecimento

Frankenstein de Mary Shelley – EUA, Kenneth Braghna, 1994 (mostra desde o método científico até a crítica do romantismo ao positivismo científico exacerbado de querer construir a vida).

Anjos e insetos – EUA/ Inglaterra, Philip Haas, 1995 (versa sobre o método de observação usado pelas ciências naturais e um pouco sobre o surgimento das ciências humanas).

Sugestões para Avaliação

Tendo em vista que um dos objetivos de uma introdução à Filosofia, além da introdução a um determinado campo conceitual, é desenvolver a capacidade de pensar de modo estruturado, o que envolve perceber a complexidade da atividade de pensar, ter opiniões justificadas etc., a Filosofia não pode, de modo algum, participar de um esquema excludente de avaliação. A tarefa do professor de Filosofia, como vimos, não consiste de modo nenhum em fazer com que o aluno adquira um conteúdo, mas sim em fazer com que ele pense autonomamente e estruture seu pensamento de modo a ser compreendido por ele e pelos outros. Sendo assim, a avaliação do aluno deverá sempre visar constituir mais um espaço onde o aluno possa exercer seu pensamento. Alguns exemplos de avaliação que parecem interessantes:

- 1) Em dupla, construir um diálogo sobre um tema. Os alunos terão de expor seus pensamentos e ouvir e compreender o do outro, de tal forma a replicarem uns aos outros.
- 2) Questões com consulta sobre texto já discutido em sala de aula.
- 3) Pedir que o aluno construa paráfrases de um texto filosófico.
- 4) Avaliação interdisciplinar. Professores se reúnem e falam do progresso ou não de um aluno. Se o progresso envolver qualquer melhora no modo de o aluno se exprimir, isso significa que em Filosofia (estruturação do pensamento) o aluno progrediu.

Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade parece, a princípio, constituir um problema para a Filosofia. Por um lado, pareceria que a Filosofia tem um lugar central na medida em que se caracteriza por ser a atividade de refletir e, nesse sentido, poderia ter o papel de pensar todas as disciplinas. Por outro lado, mesmo se admitíssemos esse papel para ela, isso não poderia significar pensar os fundamentos destas outras disciplinas, já que nesse estágio do ensino o aluno não tem contacto com esses fundamentos.

Caberia, talvez, se fosse possível, ao professor de Filosofia introduzir algum tema que é pressuposto por alguma disciplina. Por exemplo, pode-se introduzir o tema da verdade e examinar qual a noção de verdade que é pressuposta em algumas disciplinas. Ou relacionar o conceito filosófico de substância (coisa que permanece e que tem uma determinada essência) com o fenômeno das modificações genéticas (permaneceriam as coisas?). Pode-se, ainda, introduzir alguma reflexão filosófica acerca do conceito de justiça ou de liberdade e fazer relações com temas tratados na Sociologia ou na História. Ou tratar do surgimento das ciências, relacionando-o com a necessidade de instauração de um método científico que dê conta de um real não necessariamente percebido pelos sentidos (através da leitura de filósofos do século XVII, Descartes, por exemplo). Pode-se ainda, por exemplo, trabalhar a crítica ao positivismo científico, a partir do romantismo, chegando à questão atual do uso que se faz da ciência. Ou ainda, debater ética e ciência e a relação com o meio ambiente.

Essas tentativas de relacionar as outras disciplinas com a Filosofia talvez contribuam para que o aluno compreenda o sentido de estudá-las. Embora em todas as outras disciplinas possa haver o tratamento de conteúdos e uma reflexão sobre seus pressupostos teóricos, uma vez que esta reflexão não consta no currículo a ser cumprido no ano letivo, nem sempre os professores dessas disciplinas podem se deter nessa análise. O professor de Filosofia poderia, portanto, auxiliar nessa reflexão.

Em todo caso, se não for possível o contacto direto com os professores das outras disciplinas (o que seria altamente recomendável), talvez para o caso da Filosofia a interdisciplinaridade se traduza no fato de que o aluno, cujo pensamento se torna mais claro e autônomo através do exercício do pensar filosoficamente, possa, espontaneamente, tecer observações de cunho filosófico a respeito das outras disciplinas.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Espera-se da Filosofia o desenvolvimento geral da atividade de pensar, que não se confunde com qualquer modo de pensar. Essa atividade de pensar específica da Filosofia envolve a capacidade de análise, de interpretação, de construção e reconstrução racional de questões e alternativas de soluções que se relacionam, por sua vez, a um quadro mínimo de referências adquirido a partir da leitura da tradição filosófica. Mas se é assim, ensinar Filosofia requer uma competência profissional específica para orientar a leitura e a reflexão do aluno, competência que se consolida pela leitura atenta por parte dos professores dos textos clássicos filosóficos. Só a leitura aprofundada dos autores clássicos em Filosofia capacita o professor à compreensão, análise e transmissão dos principais temas, conceitos e sistemas filosóficos.

O texto filosófico pode ser tratado segundo diversas óticas: historicamente, geograficamente, sociologicamente, politicamente. Mas são modos de tratamento distintos entre eles e distintos da Filosofia. É necessário portanto, uma atenção por parte do professor de Filosofia no sentido de efetivamente instruir o aluno em Filosofia, no campo conceitual filosófico. Não estar atento à distinção entre esses diferentes tratamentos de um texto pode, além disso, reduzir o tratamento dos temas filosóficos a práticas de ensino pouco rigorosas e cheias de lugares comuns que descaracterizam inteiramente a Filosofia, tornando-a desinteressante e banal. O professor de Filosofia deverá, portanto, ter os textos clássicos da área como seu referencial, o que possibilita que suas aulas sejam mais atraentes. Assim, qualquer tentativa de reorientar um currículo de Filosofia deve ter em mente que o professor tem um papel central nessa disciplina. Não há livro texto didático ao qual o aluno possa recorrer, que o ensine a desenvolver e estruturar seu pensamento. Só se “aprende a pensar filosoficamente” pensando filosoficamente. Nesse sentido, é fundamental que o professor de Filosofia esteja familiarizado com o tratamento filosófico de temas, que tenha contacto com textos filosóficos, que seja capaz de detectar temas relevantes para seus alunos, que esteja atualizado em termos de outras linguagens (filmes, músicas, artigos de jornal) e que possa, assim, provocar o exercício do pensamento do aluno.

